

'Fundadores de Nova Friburgo eram refugiados do clima'

Dominique de Buman, presidente do Conselho Nacional da Suíça

Representante do Parlamento do país europeu, conselheiro veio ao Brasil participar das celebrações dos 200 anos da imigração na cidade da Região Serrana

“Nasci em Fribourg e, atualmente, sou o presidente do Conselho Nacional da Suíça. Vim ao Brasil representando as autoridades federais do país nas comemorações do bicentenário da imigração para o Brasil.”

ENTREVISTA A:

LUANA SOUZA

luana.souza@infoglobo.com.br



LAURENT CROTTET

• Conte algo que não sei.

Embora a Suíça seja, hoje, uma nação rica e próspera, até o fim da Segunda Guerra Mundial era um país de emigração. Os fundadores de Nova Friburgo estavam fugindo do “ano sem verão” de 1816, após a erupção do vulcão no Monte Tambora, na Indonésia, em 1815 (*nota da Redação: o evento lançou uma quantidade tal de cinzas na atmosfera que obstruiu a radiação solar em extensas áreas, com grandes prejuízos para a agricultura e a pecuária no ano seguinte, além de provocar epidemias*). Hoje, nós nos referimos a esses colonos suíços como refugiados do clima. Alguns deixaram o país com a esperança de uma vida melhor no Brasil. A Suíça, assim como outros países europeus, tem a tendência de esquecer que há vidas humanas por trás das estatísticas, que o

crescimento econômico depende da migração. Nós deveríamos ficar contentes com o apelo que nosso país tem sobre as populações em dificuldades econômicas e acolher os imigrantes.

• Como são as relações entre a Suíça e o Brasil hoje em dia? O que se planeja para o futuro?

O Brasil é o principal parceiro comercial da Suíça na América do Sul. No fim de 2015, o volume de investimento no Brasil alcançou 9,3 bilhões de francos suíços e as empresas suíças empregaram cerca de 68 mil pessoas. O Brasil também é um parceiro importante nos campos da educação, pesquisa e inovação. Em 2014, foi inaugurado um escritório da Swissnex no Rio de Janeiro, com um escritório satélite em São Paulo. A Swissnex é uma

plataforma do governo suíço dedicada à inovação. Facilita os contatos entre pesquisadores, instituições acadêmicas e empresas nos dois países.

• Qual é a agenda histórica e cultural para celebrar a data de 200 anos de imigração suíça para o Brasil?

Há uma série de eventos culturais para marcar o bicentenário. Artistas e músicos de Fribourg também vieram ao Brasil. Eu vou representar as autoridades suíças na cerimônia de aniversário na Casa Suíça, em Nova Friburgo, que terá um estande de chocolates e uma seção de vinhos, e onde os jovens também poderão aprender a fazer queijo, como em Fribourg. Vou a Santa Maria Madalena para encontrar descendentes de colonos. No dia oficial, 16 de maio, estarei na procissão que terá a partici-

pação de descendentes dos mais de dois mil colonos suíços que se estabeleceram em Nova Friburgo.

• Qual é a conexão entre a população de Fribourg e a de Nova Friburgo?

Por 150 anos, os colonos suíços perderam contato com seu país de origem, pois estavam ocupados lutando para sobreviver. Em 1973, um historiador suíço, Marti Nicoulin, publicou uma obra intitulada “La Genèse de Nova Friburgo”, reafirmando a vida e o destino dos dois mil homens, mulheres e crianças suíços que partiram para recomeçar no Novo Mundo. O livro levou à criação da Associação Fribourg-Nova Friburgo. Desde 1977, milhares de suíços que viajam ao Brasil visitam a cidade fluminense. O livro também ajudou milhares de brasileiros a se reconectarem com seu passado, muitas vezes trágico.

• Como as ligações entre os dois países podem ser fortalecidas?

Para marcar o bicentenário das cidades-irmãs, Fribourg instalou uma réplica de 12 metros da estátua do Corcovado no Boulevard de Pérolles. Também vamos celebrar o bicentenário ao longo do ano com exposições e concertos, e a data dará origem a novas iniciativas de aproximação e cooperação entre nossos dois países.